

O CARISMA DA PATERNIDADE ESPIRITUAL NO EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO PRESBITERAL

Angela M. Rodica Tutas

Doutora em Ciências Eclesiásticas Orientais pelo *Pontificio Istituto Orientale* de Roma. Docente de Patrologia no Centro de Estudos Filosófico-Teológicos Redemptoris Mater de Brasília. E-mail: angelatutas@gmail.com

Resumo: Na primeira parte, aborda-se a reflexão partindo da experiência dos antigos filósofos que deixaram marcas profundas na alma dos seus discípulos. Num segundo momento, são apresentados os alicerces bíblicos e patrísticos da paternidade espiritual. Em sintonia com o atual Magistério, percebe-se o quanto a Igreja precisa de “pais espirituais” que saibam indicar os rumos para onde deve caminhar a humanidade. Por fim, para que o discurso não fique isolado da realidade contemporânea, conclui-se com o testemunho de um sacerdote atual (Cônego Ronaldo Menezes) que sabe irradiar a beleza da paternidade espiritual no exercício de seu ministério presbiteral, como pai e pastor de sua comunidade eclesial.

Palavras-chave: Paternidade espiritual. Sacerdócio. Deus. Igreja. Ministério.

Abstract: On the first part, the reflexion is examined starting from older philosophers experiences that left profound marks on his disciples souls. On the second part, the patristic foundations and the bible foundations, both from spiritual paternity are introduced. In line with the current Catholic teachings, it can be noticed how much the church needs “spiritual fathers” that shows the way that the humankind must follow. Finally, to the speech does not stay distant from contemporaneous reality, concludes with a testimony from a contemporary priest (Canon Ronaldo Menezes) whom knows how to spread the beauty from

spiritual paternity in the exercise of his Priestly Ministry, as Father and Pastor of his church community.

Keywords: Spiritual Paternity. Priesthood. God. Church. Ministry.

Resumen: En primer lugar, abordará la reflexión basándose en la experiencia de los antiguos filósofos que dejaron sus huellas profundas en el alma de sus discípulos. En segundo lugar, son presentados a los alicerces bíblicos y los patrísticos de la paternidad espiritual. En consonancia con el magisterio actual, se percibe lo cuánto la iglesia necesita de los “padres espirituales” que sepan indicar la dirección para dónde debe caminar la humanidad. Por fin, para que el discurso no se quede aislado de la realidad contemporánea, se concluye con el testimonio de un sacerdote actual (Cônego Ronaldo Menezes) que sabe irradiar la belleza de la paternidad espiritual en el ejercicio de su ministerio de presbítero, como padre y pastor de su comunidad eclesial.

Palabras clave: Paternidad espiritual. Sacerdocio. Dios. Iglesia. Ministerio.

Sommario: Nella prima parte, ci si approssima alla riflessione partendo dall'esperienza degli antichi filosofi che lasciarono segni profondi nell'anima dei loro discepoli. In un secondo momento, sono presentati i fondamenti biblici e patristici della paternità spirituale. In sintonia con l'attuale Magistero, si percepisce quanto la Chiesa necessiti di “padri spirituali” che sappiano indicare le direzioni per le quali deve camminare

l'umanità. Infine, affinché il discorso non rimanga isolato dalla realtà contemporanea, si conclude con la testimonianza di un sacerdote attuale (Cônego Ronaldo Menezes) che sa irradiare la bellezza della paternità spirituale nell'esercizio del suo ministero pastorale, come padre e pastore della sua comunità ecclesiale.

Parole chiave: *Paternità spirituale. Sacerdozio. Dio. Chiesa. Ministero.*

Résumé : *Ce travail, il s'agit d'une réflexion à propos de l'expérience des anciens philosophes qui ont laissé des marques profondes dans l'âme de leurs disciples. Dans un autre*

moment, ils sont présentés les fondements bibliques et patristiques de la paternité spirituelle. Conformément avec le Magistère actuel, il était perçu la nécessité de l'Église en avoir des « pères spirituels » qui savent indiquer la direction dont l'humanité doit marcher. Pour conclure, il y a un témoignage d'un prêtre de l'actualité (Cônego Ronaldo Menezes) qui sait bien émettre la beauté de la paternité spirituelle dans l'exercice de leur ministère sacerdotal.

Mots-clés: *Paternité Spirituelle. Sacerdoce. Dieu. Église. Ministère.*

1. A PARTIR DA FILOSOFIA ANTIGA

Como estamos num contexto acadêmico¹ onde se estuda tanto a filosofia como a teologia, permita-me partir de uma breve reflexão inspirada nos antigos filósofos, que souberam exercer uma incalculável influência sobre seus discípulos. Citaremos brevemente: Plutarco, Sócrates, Pitágoras, Plotino, Porfírio, Próclo, Aristóteles e Sêneca.

Na transmissão de seus ensinamentos percebe-se uma grande diferença entre o papel de professor e o de mestre.

- A TRANSMISSÃO DO MESTRE AO DISCÍPULO

Sem dúvida o filósofo antigo era muito mais do que hoje se pode pensar ser um professor de filosofia. Já Plutarco, no séc. II d.C. percebia que muitos imaginam que a filosofia consiste em fazer cursos sobre alguns textos, de cima de uma cátedra, quando, na verdade, ela é um exercício ininterrupto de todo dia e de toda vida; como modelo indica Sócrates, que ensinava aos discípulos uma maneira de viver, e de morrer².

¹ O artigo vigente reporta o conteúdo da aula inaugural do ano acadêmico, proferida no auditório do Centro de Estudos Filosófico-Teológicos *Redemptoris Mater* de Brasília, no dia 24 de fevereiro de 2016.

² HADOT, Pierre. *Qu'est-ce que la philosophie Antique*. Paris: Gallimard, 1995; Trad. italiana, *Che cos'è la filosofia antica?*. Torino: Einaudi, 1998, p. 40.

Nesse sentido, o professor pode contribuir à formação moral e espiritual de um aluno, mas há um elemento que distingue claramente os dois âmbitos. O professor proporciona um ensino geral, que depois o aluno personaliza, ao ponto de levar os estudantes a um nível padrão (standard). O mestre, ao contrário, mesmo prevendo as instruções de grupo, age de maneira diferente para cada um dos discípulos, para fazer emergir a especificidade, isto é, o que o diferencia dos outros. Assim fazia Pitágoras, que “se esforçava para melhorar os outros, de maneira diferente para cada um, conforme a índole e as capacidades individuais”³.

Em nível inverso, um aluno-escolar tem obrigações de reconhecimento, sobretudo o investimento financeiro para o professor. Diferente é o caso de um discípulo, que através do empenho pessoal deve corresponder ao mestre com uma devoção e dedicação que não acabam com o fim do ciclo da instrução. Pitágoras é um exemplo, oferecendo uma lição quando, da Itália viajou para Delo a fim de cuidar de Ferecide, ao seu antigo mestre vítima de uma doença.

A cura dos outros é apresentada através de uma trilogia:

1. Compromisso para melhorar a si mesmo
2. Ligação com o fazer progredir o próximo
3. Repercussão sobre a vida social e o bem da sociedade, pois se trata de transmissão e vivência de valores como alicerces da civilização e do Estado.

Tratando dos deveres políticos do filósofo, já vimos como o compromisso para melhorar a si mesmo estava intimamente ligado com o de fazer progredir o próximo. Isto frequentemente implica o compromisso para colaborar para o bem da cidade, e quase sempre se associava à formação de um grupo de discípulos, que constituíam o círculo íntimo do filósofo. Como emerge de modo paradigmático no caso de Sócrates, a obra do filósofo desenvolveu-se em duas linhas: a cura de si e a cura dos outros⁴.

³ GIAMBILICO. *La vita pitagórica*. Milano: BUR, 1991, XIX, 93.

⁴ HADOT, 1998, p. 38-39.

O sábio era aquele que, tendo lutado para tornar a própria vida em tudo conforme à sabedoria, havia conseguido uma paz interior inabalável, um conhecimento sem sombras, a tal ponto que é habilitado para tornar-se guia dos outros, especialmente de quem se dedicava à sabedoria.

A relação entre mestre e discípulo fundava-se sobre uma comunhão de vida, e podia ser inicialmente mediada pelos discípulos que já eram iniciados na vida filosófica. Como vimos no caso de Pitágoras, o discípulo tornava-se íntimo ao Mestre somente após ter mostrado um compromisso constante que se prolongou por anos. Naquele ponto, o mestre fazia conhecer as próprias vidas precedentes, e começava a melhorar (emendar) a alma.

O mestre, portanto, pode curar a alma do discípulo porque tem um conhecimento que supera as capacidades de percepção ordinárias.

Na biografia de Plotino é relatado um episódio no qual o mestre, sentado perto de Porfírio, e percebendo seu pensamento de suicídio, lhe prescreve uma viagem a fim de se recuperar.

- O ÂMBITO DA FORMAÇÃO

Além disso, o papel de um mestre não se limita apenas ao âmbito intelectual e à formação moral. O verdadeiro mestre é aquele que sabe guiar o outro à experiência do mundo espiritual. Por isso, não se dirige a todos indistintamente, mas apenas aqueles que têm uma aspiração específica para essas experiências. O filósofo, na verdade, é uma pessoa que por natureza está pronto à ascese e não precisa, como os demais, de se desapegar do sensível, mas já se move para as alturas (pros to ano); porém, não tendo segurança como proceder, necessita de um guia que deverá mostrar-lhe a estrada e guiá-lo⁵. Por isso, o mestre é aquele que, como Porfírio, decide ter como filhos somente os apaixonados pela verdadeira sabedoria⁶.

⁵ PLOTINO. *Enneadi*. Milano: Rusconi, 1992, I, 3, 3, 1-5.

⁶ Cf. PORFÍRIO. *Vangelo di un pagano: Lettera a Marcella, Contro Boeto sull'anima, Sul conosci te*. Milano: Rusconi, 1993, 1.

- PRÓCLO: GUIA E PAI PARA OS DISCÍPULOS

Narrando a vida de Próclo, o maior dos filósofos pós-plotinianos, Marino diz que o mestre tinha renunciado ter uma família para se tornar plenamente disponível aos discípulos e aos seus familiares, tornando-se para eles uma espécie de “pai comum e razão de sua existência”⁷. As palavras de Marino são de particular importância, porque na biografia do mestre ele tinha delineado o quadro do filósofo ideal, como era concebido na antiguidade. O interesse de Próclo para os discípulos estendia-se também ao seu estado de saúde, e as suas orações para eles obtiveram frequentemente a cura cujos médicos não conseguiram.

- SÓCRATES: GUIA E GERAÇÃO ESPIRITUAL

É, sobretudo nos diálogos platônicos que emerge a figura do mestre, na figura de Sócrates. Ele, sem dizer uma palavra, podia induzir no discípulo uma espécie de inquietude interior que perdurava dia e noite; era uma terapia dolorida, pela qual os discípulos compararam o mestre a um raio (torpedo)⁸ marinho que emana descargas elétricas; o êxito desta purificação era a libertação do orgulho e das máscaras do eu.

Nesse sentido, emergiam os verdadeiros valores contidos na alma dos discípulos. O dote específico de Sócrates consistia, portanto, não em ensinar alguma coisa, mas em fazer emergir o que era contido em uma alma. Considerava que seu papel específico era de discernir com segurança se o que amadurecia na alma dos discípulos era coisa vital, ou fantasma e mentira. Por isso, podia afirmar: “De mim, vocês não aprendem nada, somente de vocês, porém ter-lhes ajudado a gerar, isso sim, o mérito pertence a deus e a mim”⁹.

Essa afirmação nos remete ao cristianismo quando o próprio Cristo no diálogo com Nicodemos fala sobre a importância da geração espiritual, isto é, o

⁷ MARINO, Vita di Proclo. In: PROCLO. *I manuali: elementi di fisica, elementi di teologia. I testi magico-teurgici*. Milano: Rusconi, 1985, p. 17.

⁸ Lat. torpedo (raia-elétrica): engenho explosivo para afundar navios, inventado no início do séc. XIX pelo mecânico norte-americano Robert Fulton (1765-1815).

⁹ PLATONE, Teeteto. In:_____. *Tutte le opere*. Roma: Newton, 1997, p. 150b.

renascer do alto. Com timidez, mas também ousadia, podemos pensar que seria nesta lógica que se colocaria a experiência dos discípulos de Jesus. Os três anos na escola do Mestre constituirá uma experiência de iniciação ao conhecimento dos mistérios divinos e a uma relação filial com Deus Pai. E isso, sobretudo através da experiência de oração do "Pai nosso" onde Deus é chamado "Abba", Pai. Não foi essa uma experiência de paternidade espiritual?

- O QUE É CLARO PARA OS FILÓSOFOS?

Para cultivar a harmonia e a unidade do corpo, alma e espírito, e, portanto, a saúde física, mental e espiritual, a sabedoria dos Padres da Igreja nos ensina a importância de fazer a experiência da paternidade e maternidade espiritual, como elemento essencial e meio privilegiado para cultivar a qualidade de vida.

Trata-se da secular tradição oral que sempre existiu na Igreja e que foi praticado também nas famosas escolas filosóficas antigas. Esta experiência faz-nos aproveitar cada ocasião para sabermos mais, sobretudo a beneficiar-nos da aproximação de algum mestre para ouvi-lo e para ter com ele relações pessoais. A experiência de um destes grandes homens é certamente mais útil que inumeráveis leituras. Ter um mestre desses ao qual possamos recorrer sempre é certamente o segredo para um rápido progresso e permite de livrar-nos de muitas eventualidades negativas.

Na Filosofia antiga destacamos dois grandes pensadores: Aristóteles e Sêneca.

Aristóteles escrevia a Nicômaco que um pródigo desce bem baixo "se lhe falta a direção de um mestre". Ao contrário, "se encontra alguém para guiá-lo, é capaz de alcançar o justo meio e o sentimento do dever" (EM IV,35).

Sêneca dizia que "não é possível elevar-nos até a virtude se ninguém nos estende a mão para sair de nossas fraquezas. O guia advoga sem cessar a causa do bem. É nesse espírito que os estóicos vão tratar os grandes temas como a tranquilidade da alma e a brevidade da vida".

2. FUNDAMENTOS BÍBLICOS DA PATERNIDADE ESPIRITUAL

- ANTIGO TESTAMENTO

No terceiro capítulo do livro de Samuel, que se encontra no Antigo Testamento, narra-se que o sacerdote Eli soube que os seus filhos ofendiam a Deus e não os repreendeu, era um pecado de omissão por parte do profeta. Qual foi o pecado dos filhos? "Eles se deitavam com as mulheres que permaneciam à entrada da tenda da reunião (1Sam 2, 23s)".

A paternidade espiritual de Eli, no âmbito de uma vivência e relação interpessoal, orienta Samuel ao crescimento espiritual e reconhecimento incondicionado de Deus. Escutar a Deus e tornar-se profeta, ou seja, tornar-se a "voz" de Deus. Trata-se de uma das mais belas passagens da Escritura que nos convida a uma reflexão sobre "O carisma da paternidade espiritual no exercício do ministério presbiteral".

A história relata a dupla experiência da paternidade do sacerdote Eli: uma, a paternidade biológica e, outra, a espiritual. O jovem Samuel servia a lahweh na presença de Eli. Diz o texto que "a palavra de lahweh era rara naqueles dias, e não havia visão que se manifestasse" (1Sam 3, 1). Ora, um dia, Eli estava deitado, em seu lugar – seus olhos começaram a enfraquecer e não podia mais ver -, a lâmpada de Deus não se tinha apagado e Samuel estava deitado no santuário de lahweh, no lugar onde se encontrava a Arca de Deus. lahweh chamou, três vezes o jovem Samuel. Este por três vezes foi com o sacerdote Eli, pensando que o chamou. "Eu não te chamei, meu filho", disse Eli, "vai deitar-te". Quando foi chamado pela terceira vez, Eli compreendeu que lahweh o chamava e orientou Samuel a escutar a voz de Deus.

"Vai deitar-te e, se te chamar de novo, dirás: 'Fala, lahweh, pois o teu servo ouve', e Samuel foi se deitar no seu lugar". Diz a Escritura que "veio lahweh e ficou ali presente, chamou como de outras vezes pelo nome: "Samuel! Samuel!", e Samuel desta vez respondeu: "Fala, pois teu servo ouve". A mensagem que lahweh dá a Samuel tem como objetivo o julgamento para

com a casa do sacerdote Eli por causa dos seus filhos. "Eu lhe anunciei que julgaria sua casa para sempre, porque ele sabia que os seus filhos ofendiam a Deus e não os repreendeu. E por isso – eu o juro à casa de Eli – que nem sacrifício nem oferenda jamais expiarão a iniquidade da casa de Eli.

Como Samuel temia contar a Eli a visão que tinha recebido, o mesmo Sacerdote Eli chamou o jovem Samuel e pediu que não lhe fosse ocultado nada. Então Samuel contou-lhe a mensagem que recebeu de Iahweh. Qual era o pecado dos filhos de Eli? Diz-se que eram "homens vagabundos; não conheciam Iahweh" (1Sam 2,12).

Eli era muito velho, mas era informado de tudo o que os seus filhos faziam a todo Israel. E que eles se deitavam com as mulheres que permaneciam a entrada da tenda da reunião. E ele lhes dizia: "Por que fazeis tais coisas, coisas más, de que ouço falar por todo povo? [...] Mas não escutaram a voz de seu pai. É que aprovou a Iahweh tirar-lhes a vida. Entretanto, o jovem Samuel ia crescendo em estatura e em beleza, diante de Iahweh e diante dos homens" (1 Sam 2, 23-25).

- MATERNIDADE NO AT

"Fui eu, contudo, quem ensinou Efraim a caminhar, eu os tomei pelos braços, mas não reconheceram que eu cuidava deles! Com vínculos humanos eu os atraía, com laços de amor eu era para eles como os que levantavam uma criancinha contra o seu rosto, eu me inclinava para ele e o alimentava" (Os 11,3-4).

Essas palavras do profeta Oseias iluminam a paternidade e maternidade de Deus em relação a humanidade. Trata-se de laços de afeto e humanidade. O que move um ser humano a se entregar nas mãos de uma autoridade espiritual, se não esse reconhecimento de um amor paterno e materno de Deus, que se manifesta através da figura de uma abade, abadessa, bispo e presbítero na Igreja. Sem a fé isto seria uma grande loucura e escravidão.

Assim, são filhos do Pai celeste, cujas obras praticam e são esposos, irmãos e mães (Mt 12,50) de Nosso Senhor Jesus Cristo. Somos esposos, quando no Espírito Santo, a alma fiel se une a Nosso Senhor Jesus Cristo. Somos irmãos quando fazemos a vontade do Pai que está nos Céus (Mt 12,50). Somos mães, quando O levamos no coração em nosso corpo (1Cor 6,20), por amor divino e de consciência pura e sincera. O damos à luz pela santa operação que deve brilhar (Francisco de Assis, Cartas 1CF I-II).

- NOVO TESTAMENTO

No Novo Testamento há uma advertência na qual Jesus acautela contra a reivindicação do título de pai e mestre para com os seus discípulos quando diz: "A ninguém na terra chameis 'Pai', pois só tendes o Pai Celeste. Nem permitais que vos chamem 'Guias', pois um só é vosso guia, Cristo (Mt 23, 9-10). Percebe-se uma iniciação dos discípulos a uma relação pessoal com o Pai através da compreensão dos mistérios divinos. Jesus é o guia que orienta e leva ao Pai. "Anunciava-lhes a Palavra por meio de muitas parábolas. A seus discípulos, porém, explicava tudo em particular" (Mc 4,34). Esse termo "particular" não nos dá uma ideia de iniciação espiritual?

O Apóstolo Paulo fala do carisma da geração espiritual por meio da pregação e da oração:

Por essa razão dobro os joelhos diante do Pai – de quem toma o nome toda a família no céu e na terra -, para pedir-lhe que conceda, segundo a riqueza da sua glória, que vós sejais fortalecidos em poder pelo seu Espírito no homem interior, que Cristo habite pela fé em vossos corações e que sejais arraigados e fundados no amor (Ef 3,14).

Aos Coríntios, São Paulo escreve: "Ainda que tivésseis dez mil pedagogos em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais. Fui eu que por meio do Evangelho vos gerei em Cristo Jesus" (1Cor 4,15).

Trata-se do carisma da paternidade espiritual do Apóstolo que tem sua profunda ligação com a fonte da divina paternidade, a paternidade de Deus Pai. Num outro lugar, Paulo até usa palavras fortes “eu vos gerei”; trata-se da geração espiritual: “Meus filhinhos, estou sofrendo de novo por vós como sofre a mulher que dá à luz seu filho, até que o Cristo se forme em vós” (Gl 4,19).

3. O CARISMA DA PATERNIDADE ESPIRITUAL NOS PADRES DA IGREJA

No cristianismo, o título cristão honorífico de “Pai/Padre” inspira-se no Antigo Testamento e no mundo greco-romano, onde o pai é gerador da vida e chefe da família, o responsável autoritário, guardião e mediador da experiência e da tradição. Ele é o autêntico mestre, sobretudo da fé.

O conceito romano de “pater familias” (pai de família) remete ao sacerdote do culto doméstico. Os pais, na compreensão do AT, são os representantes de Deus na família, os patriarcas são os guardiões da promessa e os fiadores da graça da Aliança com Deus (cf. Eclo 44-50; Lc 1,55), aos quais se deve respeito e obediência.

Esse conceito de “pai” estendeu-se a “os Pais” (os antepassados) como também ao “pai espiritual” ou “intelectual” e “eclesástico”; o mestre, o diretor de uma escola de filosofia, o rabino. Os apóstolos de Jesus Cristo (1Cor 4,14) e os bispos da Igreja são, neste sentido, os Pais dos fieis, porque eles no batismo são os criadores da nova vida, na pregação e na exposição da fé. Gentios e judeus chamam, a são Policarpo de Esmirna “o mestre da Ásia, o pai dos cristãos” (*Martírio de Policarpo*, 12,2).

Por isso, a partir do séc. IV, a Igreja Antiga considera os bispos como “Pais”, e a partir do séc. V aplicou-o o termo também aos sacerdotes (Jerônimo) e aos diáconos (Efrém o Sírio). Até hoje se conserva em muitas línguas o título de “pai = padre” para indicar a pessoa do presbítero.

No Oriente, com maior vigor que no Ocidente, a relação mestre-discípulo fundamentou uma espécie de relação paternidade espiritual,

isto é, pai-filho. No Antigo Testamento, os discípulos dos profetas eram reputados seus filhos (1Rs 20,35); também os “sábios” foram considerados pais de seus discípulos (Pr e Ecl, Didaquê, 3,1 / 4,1). Conforme a “Torah”, os rabinos chamavam-se pais de seus discípulos.

O acompanhamento espiritual diz respeito à relação entre a pessoa, sua alma e Deus que se lhe revela. A alma tem um significado profundo que abrange a totalidade do ser humano, sua constituição tricotômica: corpo, alma, espírito. No cultivo do carisma da paternidade e maternidade espiritual, o guia deve levar em consideração tanto a saúde física, como a psicológica e espiritual da pessoa que orienta. Tudo o que se fala de paternidade espiritual no exercício do ministério presbiteral vale e diz respeito também a maternidade espiritual.

Esse tema é contido na Sagrada Escritura, na Tradição e no Magistério da Igreja. A experiência dos Padres da Igreja sempre desenvolveu esse carisma como meio para penetrar na dinâmica de discernimento e no mundo espiritual. Além das marcas de um crescimento e amadurecimento humano, psicológico, espiritual, o carisma da paternidade espiritual, foi sempre um elemento essencial e meio privilegiado para uma nova evangelização na Igreja.

Pode-se sintetizar que a paternidade espiritual é um dom e carisma comunicado através da Igreja que nos torna participantes da paternidade e maternidade divina.

- MOMENTO DE REFLEXÃO

Hoje, o conceito da paternidade está em crise. Há várias maneiras de enxergar a figura do pai. Chamados a dar vida, os pais participam de um misterioso poder criador e da paternidade de Deus. Os cônjuges sabem que, na missão específica de transmitir a vida e de desenvolver o papel de educadores na família, eles são “cooperadores do amor de Deus criador” (GS 50,2).

A criação do mundo e todos os seres vivos encontram sua origem na paternidade de Deus. *Por esta razão dobro os joelhos diante do Pai de quem*

toma o nome toda família no céu e na terra para pedir-lhe que conceda, segundo a riqueza da sua glória, que vós sejais fortalecidos em poder pelo Espírito no homem interior (Ef 3,14-16).

A paternidade e a maternidade humanas são, de maneira especial e exclusiva, à semelhança de Deus, de um Deus que é, conseqüentemente, Pai e Mãe, ao mesmo tempo.

Não temos dúvidas quanto a paternidade de Deus. A revelação oferecida por Jesus e todo o Novo Testamento são um testemunho da mesma. A dimensão materna de Deus, porém, ficou mais na sombra da tradição cristã. Além de ser Pai, Deus é também Mãe. No Antigo Testamento temos umas imagens figurativas de Deus com qualidades de Mãe:

1. Deus é na imagem de Mãe que consola: *Como a uma pessoa que a sua mãe consola, assim eu vos consolarei; sim, em Jerusalém sereis consolados (Is 66,13).*
2. Deus como Mãe que ensina, nutre e levanta o seu filhinho até seu rosto: *Fui eu, contudo, quem ensinou Efraim a caminhar, eu os tomei pelos braços, mas não reconheceram que eu cuidava deles! Com vínculos humanos eu os atraía, com laços de amor eu era para eles como os que levantam uma criancinha contra o seu rosto, eu me inclinava para ele e o alimentava (Os 11,3-4).*
3. Deus é a Mãe que de nenhum modo se esquece do filho de suas entranhas (Is 49,15; Sl 25,6; 115,5), e que possui um entranhável seio acolhedor como afirma o *Prólogo de João 1,18*: "Ninguém jamais viu a Deus; o Filho unigênito, que está no seio do Pai este o deu a conhecer".

No Evangelho de Lucas 13,34 Jesus se compara a uma galinha choca que "recolhe seus pintainhos debaixo das asas".

Essa afirmação dúplce é capital para o tema que nos interessa agora. O acompanhamento espiritual, exercitado tanto pelos pais espirituais, quanto pelas mães espirituais, implica sempre, em maior ou menor grau,

um envolvimento e participação na paternidade divina, a qual gera filhos e filhas e os faz crescer.

Não há paternidade/maternidade espiritual que não encontre o seu fundamento na paternidade de Deus. Todo pai/mãe espiritual age somente em virtude de uma participação na vida divina de Deus Pai. A sua autoridade não lhe pertence, mas é derivada e se situa na autoridade ou paternidade materna da Igreja.

Somente assim que podemos concretizar as palavras de Jesus: *A ninguém na terra chameis 'Pai', pois só tendes o Pai Celeste. Nem permitais que vos chamem 'Guias', pois um só é o vosso guia, Cristo. Antes, o maior dentre vós será aquele que vos serve* (Mt 23,9-12).

Na Tradição Patrística há vários Padres da Igreja, que prolongando a revelação bíblica, falam de Deus como Mãe. Entre eles São Clemente de Alexandria, Orígenes, Santo Ireneu de Lião, São João Crisóstomo e Santo Agostinho de Hipona.

- ORÍGENES

Na literatura patrística temos muitos exemplos, mas gostaria de citar a experiência de Orígenes. O próprio pai que não ficou satisfeito com apenas dar-lhe a vida biológica, mas preocupou-se com a iniciação cristã. Eis como um menino cristão recebia a formação em escolas pagãs e, ao mesmo tempo, era iniciado ao conhecimento dos mistérios divinos através do estudo da Sagrada Escritura.

Entretanto, ele já havia lançado sólidos fundamentos no conhecimento da fé, exercitando-se desde a infância nas divinas Escrituras. A estas se aplicara diligentemente, em medida extraordinária, pois seu pai, não contente de fazer com que passasse pelo ciclo dos estudos, não havia considerado supérflua a solicitude pelas Escrituras. Acima de tudo, portanto antes de se dedicar às disciplinas helênicas, ele o

havia levado a exercitar-se nos estudos sagrados exigindo diariamente dele recitações e prestações de contas. E isto não desagradava ao menino, que, ao contrário, trabalhava com zelo excessivo, de tal sorte que não lhe bastava conhecer o sentido simples e óbvio das Escrituras sagradas, mas já procurava, desde aquela ocasião, algo mais, querendo descobrir uma visão mais profunda. Chegava mesmo a deixar o pai embaraçado, fazendo-lhe perguntas sobre o que queria indicar a Escritura divinamente inspirada. Este, exteriormente, fingia repreendê-lo, exortando-o a não procurar saber o que estava acima de sua idade ou além do sentido óbvio. Mas, interiormente, sentia tensa alegria, dando muitas graças a Deus, causa de todos os bens, por ter merecido ser pai de tal filho. Diz-se que parava muitas vezes junto do filho adormecido, descobria-lhe o peito, íntima habitação do Espírito divino, beijava-o respeitosamente, considerando-se feliz pela ótima prole que possuía”¹⁰.

A paternidade espiritual na experiência de Orígenes vai além da paternidade biológica. No início do séc. III, Orígenes, aos dezoito anos, pode escolher fazer-se mestre e ensinar gramática por algum tempo em Alexandria¹¹.

Além de Orígenes muitos são os exemplos a serem citados. A literatura patrística registrou uma *Carta de Agradecimento de Gregório Taumaturgo ao seu mestre Orígenes* na qual emergem os mesmos elementos característico encontrados na experiência dos antigos filósofos. De São João Crisóstomo sabe-se que por três anos submeteu-se sob a orientação de um velho monge eremita quando se decidiu pela vida monástica. No Oriente Cristão, São

¹⁰ EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000, VI, 2.

¹¹ *Ibid.*, VI, 2, 15. Os princípios exegéticos de Orígenes são apresentados na sua obra *De princípios* IV 2,4-5. "De três maneiras devemos gravar na alma os sentidos da Sagrada Escritura: o simples deve edificar-se com a carne da Escritura – assim chamada a concepção imediata -, o que progrediu um pouco edifica-se mais com sua alma, e o perfeito ... se edifica com a lei espiritual, que contém a sombra dos bens futuros (Cl 2,17; Hb 10,1). Pois como o homem se compõe de corpo, alma e espírito, assim também a Escritura... Mas como existem certos textos da Escritura que não contêm de maneira alguma o sentido corporal, em muitas passagens devemos buscar unicamente a alma e o espírito da escritura".

Basílio Magno, sob a orientação de sua irmã Macrina, foi visitar os monges no Egito e após anos de experiência deu início ao monaquismo na cidade com forte sensibilidade em responder aos desafios da época. Hoje, é considerado iniciador da vida monástica cenobítica na cidade e pai da doutrina social da Igreja. Os exemplos poderiam continuar.

- IDADE MÉDIA

Esta concepção materna de Deus e de Jesus alcança seu ápice na Idade Média. Numa das orações de Santo Anselmo, Abade de Bec e padroeiro dos intelectuais, lemos:

Porém, oh Jesus, bom Mestre, Tu não és também Mãe? Não és esta mãe que, como galinha reúne debaixo de suas asas seus pintinhos? Verdadeiramente, Senhor, Tu és também uma mãe. Porque o que outros conceberam e deram à luz receberam de ti (Oração, X).

São Bernardo de Claraval (1090-1153), monge cisterciense, uma das personalidades mais influentes do século XII, envia numerosas cartas para incentivar a reforma do clero, sobretudo os bispos. Sua carta ao arcebispo de Sens, Henrique de Boisrogues chamada mais tarde de *De Officiis Episcoporum (Da conduta dos Bispos)*, é reveladora do importante papel dos monges no século XII, e das tensões entre o clero regular e secular.

Consciente de que Deus é Pai e Mãe ao mesmo tempo, vivenciou e interpretou o serviço a seus monges tanto em chave paterna quanto materna. Porém, com o passar do tempo, o abade de Claraval foi amadurecendo suas afirmações. Para Bernardo, todo aquele que realiza uma função de autoridade, diretiva ou de superior, deve possuir também qualidades maternas como: afeto, carinho, compaixão, ternura, proteção e nutrição.

Escutem isto os prelados que preferem sempre ser temidos pelos seus súditos, mas não querem servi-los. Aprendei vós que julgais a terra. Entendei bem

que deveis ser mãe e senhores. Procurai que os amem, não que os temam; quando tenham que recorrer à severidade, esta seja paternal, não tirânica. Mostrai-vos como mães encorajando; como pais corrigindo. Sede mansos, deponde toda dureza, não useis o chicote. Mostrai-vos entranháveis; que vossos peitos desdobrem a doçura do leite e que não se inchem de soberba¹².

Deus é Pai e Mãe e, por ser o acompanhamento espiritual uma participação nesta paternidade e maternidade divinas, implica umas disposições paternas e maternas porque o pai/mãe espiritual torna-se mediador da graça de um Deus que é Pai e Mãe ao mesmo tempo.

Obviamente, cada pai/mãe espiritual tem uma graça particular encarnada na sua personalidade, com seus dons e limites. Uns são mais paternos e outros resultam mais maternos. Também o fato de ser homem ou mulher impõe certos condicionamentos no exercício do carisma, mas estes não são absolutamente determinados.

- PATERNIDADE EM SÃO JOÃO BOSCO

João Bosco considerado o pai da juventude dizia: "Se queremos ser amigos do verdadeiro bem de nossos alunos e levá-los ao cumprimento de seus deveres, é indispensável jamais vos esquecerdes de que representais os pais desta querida juventude. A juventude é o objeto do trabalho, estudo e ministério sacerdotal".

- BISPO ENCARREGADO DE UMA DIOCESE RESPONSÁVEL PELA CURA DAS ALMAS

São Francisco de Sales, no tratado *Filoteia ou Introdução à vida devota* dizia: "São exatamente os bispos que antes de todos estão incumbidos de encaminhar as almas para a perfeição. Eles ocupam o primeiro lugar entre os homens, como serafins entre os anjos, e o seu tempo não pode ser empregado de uma forma melhor"¹³.

¹² BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas. 5. Sermones sobre el Cantar de los Cantares*. Madrid: BAC, 1987, 23, 3.

¹³ FRANCISCO DE SALES. *Filoteia ou Introdução à vida devota*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 27.

Os antigos bispos e padres da Igreja, que não se ocuparam menos de suas funções do que nós, encarregaram-se, entretanto, da direção de certas almas, que recorriam aos seus avisos e à sua prudência. É o que se vê por suas cartas e faziam-no a exemplo dos apóstolos, que, por mais sobrecarregados que estivessem com a evangelização do mundo, acharam tempo para escrever as suas epístolas, cheias dum amor e afeto extraordinários para com as diversas almas, suas filhas espirituais¹⁴.

São Francisco de Sales fundamenta seu pensamento no ministério pastoral dos Apóstolos São Paulo e São Pedro. Quem não sabe que Timóteo, Tito, Filêmon, Onésimo, Santa Tecla, Ápia eram filhos espirituais muito caros ao grande Paulo, como São Marcos e Santa Petronilha o eram a São Pedro? Não filhos carnis, mas espirituais. E São João não escreveu uma das epístolas canônicas à devota senhora Electa?

O exemplo de relação paterna entre São Paulo e seu discípulo, Timóteo, o filho amado apresenta elementos essenciais que compõem o carisma da paternidade espiritual:

1. A lembrança para com o discípulo Timóteo: "me recordo de ti em minhas orações".
2. Conhecimento da fé do discípulo.
3. Exortações para reavivar a fé e os dons que Deus depositou no discípulo: a força, o amor e a sobriedade.
4. Encorajar o discípulo a dar testemunho.
5. Envolvimento afetivo e efetivo numa profunda experiência do mistério pascal: "participa do meu sofrimento" (2Tm 1,8).

O papel de Paulo, como guia e pai espiritual em relação as comunidades fundadas por ele foi de ser administrador das graças de Deus e de comunicar aos discípulos a graça e a paz.

Na literatura patrística, *as Cartas* de Santo Agostinho a *Proba*, a *Juliana*, a *Florentina*, assim como a correspondência entre São João Crisóstomo

¹⁴ FRANCISCO DE SALES, 1986, p. 28.

e a diaconisa Olimpiade e o tratado *Sobre o Sacerdócio* refletem a beleza do carisma da paternidade espiritual cultivada no exercício do ministério presbiteral. Isso, só para citar alguns uns exemplos.

O próprio São Francisco de Sales reconheceu o quanto é penoso conduzir as almas em particular, mas esse trabalho não deixa de ter as suas consolações. Os ceifadores nunca estão tão satisfeitos como quando têm muito que ceifar. É um trabalho que alivia e fortifica o coração.

*Diz-se que, se a fêmea do tigre acha um de seus filhotes que o caçador abandona no meio do caminho para caçar outros, imediatamente o carrega, por mais pesado que seja, e, ajudada pelo amor de mãe, corre ainda mais depressa do que de costume. Como pois um coração paterno não tomará a si uma alma que anseia por sua própria perfeição, carregando-a como uma mãe a seu filho, sinta embora o seu peso?*¹⁵

Nos seus escritos e nas *Cartas*, do Santo João Paulo II dirigidas aos sacerdotes, percebe-se a grande atenção e preocupação em relação ao cultivo do carisma da paternidade espiritual no exercício do ministério presbiteral. Segundo ele a “consagração” sacerdotal é conferida por Cristo para a missão “de salvação do homem” e exige “sacerdotes radical e integralmente imersos no mistério de Cristo e capazes de realizar um novo estilo de vida pastoral”¹⁶.

Para melhor ressaltar a importância do acompanhamento espiritual, Francisco de Sales cita a história de Tobias. O seu pai Tobit ao enviá-lo a uma terra longínqua e estranha orientou-o:

“Agora, meu filho, procura um homem de confiança para teu companheiro de viagem, e lhe pagaremos pelo seu trabalho até a tua volta; vai e recupera esse dinheiro junto a Gabael. Tobias saiu em busca de alguém que conhecesse o caminho e que fosse com ele a Média. Ao

¹⁵ FRANCISCO DE SALES, 1986, p. 29.

¹⁶ JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores dabo vobis*. São Paulo: Loyola, 1992, n. 18.

sair, encontrou Rafael, o anjo, de pé diante dele, mas não sabia que era um anjo de Deus” (Tobias 5, 3-4).

Se temos vontade de crescer espiritualmente faz-se necessário buscar um guia espiritual, sábio e prático que nos conduza. “Em tudo o que fazemos – diz o devoro Ávila – só temos certeza de estar fazendo a vontade de Deus, enquanto não nos apartamos daquela obediência submissa, que os santos tanto encomendaram e praticaram tão fielmente”¹⁷.

Ouvindo Santa Teresa da austeridade e penitências de Catarina de Cardona, concebeu grande desejo de imitá-la e foi tentada a não seguir o seu confessor, que lhe proibia. Entretanto, como se submetesse, Nosso Senhor lhe disse: “Minha filha, o caminho que segues é bom e seguro; tu estimavas muito essas penitências, mas eu estimo mais a tua obediência”¹⁸.

Desde então ela devotou-se tanto a essa virtude que, além da obediência devida a seus superiores, ela se ligou, por um voto especial, a seguir a direção de um homem prudente e de bem, o que sempre a edificou e consolou muito. De modo semelhante, já antes e depois dela, muitas almas santas, que queriam viver inteiramente sob a dependência de Deus, submeteram a sua própria vontade a de um de seus ministros. É essa a sujeição humilde que Santa Catarina de Sena tanto encomia em seus diálogos¹⁹.

Foi também a prática da santa Princesa Isabel, que prestava uma obediência perfeita à direção do sábio Conrado. Nem outro foi o conselho que, ao morrer, deu a São Luis, seu filho, ressaltando a importância da confissão. “Confessa-te a miúdo e escolhe um confessor insigne por sua ciência e sabedoria, o qual te ajude com suas luzes em tudo o que for necessário para a tua direção espiritual”²⁰.

¹⁷ FRANCISCO DE SALES, 1986, p. 45.

¹⁸ Ibid., p. 46.

¹⁹ CATARINA DE SENA. *Cartas completas*. São Paulo: Paulus, 2005.

²⁰ FRANCISCO DE SALES, op. cit., p. 46.

- PATERNIDADE ESPIRITUAL NO MINISTÉRIO PRESBITERAL

O Magistério da Igreja é rico em documentos e cartas dirigidas ao clero nas quais ressalta o carisma da paternidade espiritual. Nos momentos de solidão e nas suas crises, os sacerdotes devem encontrar no coração do Bispo um reflexo do coração de Jesus e de Deus Pai. Como isso será possível? A solidão humana do sacerdote, suas tentações e desânimos, deverão ser preenchidos pela presença ativa, fraterna e amiga do seu bispo.

Antes de serdes superiores e juizes dos vossos sacerdotes, haveis de ser mestres, pais, amigos, e irmãos bons e misericordiosos, prontos para os compreender, para os desculpar, para os ajudar. Procurai de todos os modos que os sacerdotes vos dediquem amizade pessoal e levai-os a abrirem-se confiadamente convosco, sem que esta amizade e confiança suprimam a relação de obediência jurídica; devem, pelo contrário superá-la dentro da caridade pastoral, para que essa obediência seja mais voluntária, mais leal e mais segura (Paulo VI, 1967, n. 93).

Insiste-se sobre a confiança filial e a amizade entre os sacerdotes e os bispos, que levará a abertura da alma.

A amizade dedicada e a confiança filial convosco levarão os sacerdotes a abrir-vos, a tempo, as suas almas, a confiar-vos as dificuldades, na certeza de poderem contar sempre com o vosso coração, para nele depositarem mesmo as possíveis derrotas, sem o temor servil do castigo, mas esperando como filhos, correção, socorro e perdão, o que os irá estimular a retomarem confiadamente o árduo caminho da vida (Paulo VI, 1967, n. 93).

A autoridade do Bispo deve ser temperada com a paternidade

Restituir à alma sacerdotal a alegria e o entusiasmo pela própria vocação, a paz interior e a salvação, é ministério urgente e glorioso que tem influxo

incalculável numa multidão de almas. Se em determinado momento fordes obrigados a recorrer à vossa autoridade e à justa severidade para com os poucos que, contra a vossa vontade, causam escândalo ao Povo de Deus com a sua conduta, procurai ter em vista, antes de tudo, a sua recuperação ao tomardes as providências necessárias. À imitação do Senhor Jesus Cristo, Pastor e Bispo das nossas almas (1 Pd 2,25), não quebreis a cana fendida e não apagueis a mecha que fumeja (Mt 12,20). Curai, como Jesus, as chagas (cf. Mt 9,12), salvai o que se tenha perdido (cf. Mt 18,11), buscai com ânsia e amor a ovelha desgarrada e trazei-a ao calor do redil (cf. Lc 15,4ss.), procurai, como Ele, até ao fim, chamar uma vez mais o amigo infiel (cf. Lc 22,48) (Paulo VI, 1967, n. 94).

Nas audiências episcopais, ao bispo são apresentados vários problemas que surgem no exercício do ministério. Na sua missão, uma tarefa delicada é a de servir como juiz de acordo com sua consciência. Se deve reconhecer que é uma responsabilidade em relação à comunidade eclesial, provavelmente a mais difícil, e que requer espírito de discernimento e prudência.

A responsabilidade do presbítero é grande, quando se trata de indicar o caminho justo a todos para serem agradáveis a Deus. Se compreende, sobretudo, pelo destaque da importância de vigiar e apresentar aos fiéis o que vale à salvação das almas.

Se já nos causa tremor o pensamento de termos que prestar contas por nossos próprios pecados, temendo não conseguir escapar daquele fogo, quanto mais não deve tremer e temer quem for responsável por tantos? E que isto corresponde a pura verdade, poderás deduzir das palavras de Paulo, ou, antes, do próprio Cristo que fala pela boca de seu santo: "Obedecei a vossos guias e sede-lhes submissos, porque eles velam

por vossas almas, cōnscios de dever prestar contas a Deus” (Hb 13,17). Depois de tal ameaça, pode ser pequeno o temor de semelhante responsabilidade? Pelo contrário deve ser indizivelmente grande²¹.

Não faltam também exemplos que citam a dor e o sofrimento do bispo quando, por motivos graves, deve excluir alguém da comunhão eclesial por motivos de escândalo.

Como achar palavras para descrever a tristeza do bispo quando se tornar necessário excluir alguém da comunidade eclesial? Oxalá tal desgraça termine nesta tristeza! Ainda está iminente outra desgraça não menos grave. É de temer que, caso alguém tiver sido punido além da medida, aconteça aquilo de que fala S. Paulo: “que o tal venha a ser consumido por uma excessiva tristeza” (2Cor 2,7). Também neste caso torna-se mister usar de extrema prudência a fim de que não aconteça que aquilo que deveria ser um bem se torne causa de maior mal. Pois também o médico, não tendo acertado no corte, é o objeto da ira divina causada por todo e qualquer pecado cometido por quem recebeu punição tão excessiva. Que castigo pesado não o aguarda se tiver que prestar contas não só das próprias falhas, mas também das dos outros?²²

São João Crisóstomo destaca a origem e a importância do governo das almas no exercício do ministério presbiteral. O seu tratado *Sobre o Sacerdócio* apresenta-se como “Carta Magna” que define a natureza do sacerdócio cristão e os deveres, que dizem respeito ao sacerdote e ao bispo, baseados no mandato confiado por Jesus Cristo: “Apascenta minhas ovelhas” (Jo 21,15-17).

Os sacerdotes são a causa do nosso “renascimento”, pois uma vez nascidos os seres humanos tornarão a nascer através dos sacramentos, para se tornarem “filhos de Deus”. Aos presbíteros foi confiada a geração espiritual e a cura das almas²³.

²¹ JOÃO CRISÓSTOMO. *O Sacerdócio*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 83.

²² *Ibid.*, p. 82-83.

²³ *Ibid.*, p. 57.

Portanto, a paternidade espiritual apresenta-se como uma "arte (οικονομία) que é a capacidade de, em situações difíceis, achar o caminho certo e corrigir erros da alma"²⁴. A matéria de sua arte são as doenças espirituais.

Uma das características da paternidade espiritual na Igreja é a oração. "Rezemos pelos homens e mulheres das nossas cidades, das nossas dioceses e rezemos também por nós mesmos, a fim de que Deus nos envie uma centelha da caridade divina, através dos nossos vidros escuros e comova os corações, para que compreendam a sua mensagem"²⁵.

No contexto da nova evangelização é indispensável que os bispos e os sacerdotes sejam mestres da fé e pais espirituais. "Como pai zeloso, o prelado acompanhará as faculdades teológicas, ajudando os professores a redescobrir o grande significado eclesial da sua missão. A fidelidade à Igreja e ao magistério não contradiz a liberdade acadêmica, mas exige um comportamento humilde de serviço aos dons de Deus. O *sentir cum Ecclesia* deve distinguir de modo particular quantos educam e formam as novas gerações"²⁶.

Hoje, a Igreja precisa de "pais espirituais" que saibam indicar os rumos para onde deve caminhar a humanidade. "Precisamos de uma Igreja que volte a dar calor, a inflamar o coração"²⁷.

Entretanto, para se receber o carisma de paternidade e da maternidade espiritual é mister que a graça de Deus nos envolva e nos transforme interiormente. Se não formos regenerados torna-se difícil ser pai e mãe da vida divina, porque estamos privados de tal experiência.

Podemos realizar também grandes empreendimentos de inspiração religiosa ou humanitário, pregar uma refinada catequese ou lições de teologia, mas se não estamos transformados em vida de Deus não a

²⁴ JOÃO CRISÓSTOMO. *O Sacerdócio*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 36.

²⁵ FRANCISCO, Papa. "Conversão pastoral" aos bispos alemães em visita "ad limina". *L'Osservatore Romano*, ano XLVI, n. 48 (2.390), quinta-feira, 26 de novembro de 2015, p. 4.

²⁶ *Ibid.*, p. 4.

²⁷ FRANCISCO, Papa. Almoço com os Cardeais do Brasil, a Presidência da CNBB, os Bispos da Região e a Comitativa Papal, Arcebispo do Rio de Janeiro. *L'Osservatore Romano*, ano CLIII, n. 172 (46.416), Sábado, 27 de julho de 2013, p. 9.

podemos transmiti-la nunca. Se, pelo contrário, permitimos o envolvimento da graça, a transformação e a elevação, nada poderá impedir a vida divina de utilizar-nos como seus canais. Não existe poder algum que possa travá-la, nada pode opor-se, nem tão pouco a morte ou os infernos. Quando estamos regenerados, a vida de Deus expande-se automaticamente e a obra da graça coloca-se em ação, agindo plenamente o sacrifício de Cristo. Então qualquer um de nós se torna um novo Adão e uma nova Eva.

4. TESTEMUNHO DO CÔNEGO RONALDO MENEZES²⁸

Meu caro pai!

Minha experiência da paternidade e maternidade espiritual brotou ainda na minha família e por muitos anos foi cultivada no contexto da Igreja Oriental. Ao me encontrar como missionária além das fronteiras continuo a vivenciar e cultivar essa dimensão. Pela graça que recebi de Deus em ficar perto do senhor, pude enxergar e experimentar como no exercício do seu ministério presbiteral irradia a dimensão da paternidade espiritual. Esse é o motivo pelo qual achei que o senhor poderia escrever um pouco sobre esse tema, como testemunho seu, para a edificação de quantos irão participar da minha primeira aula inaugural no Seminário Redemptoris Mater. Com esta intenção, seguem algumas perguntas sobre o tema: "A paternidade espiritual no exercício do ministério presbiteral". Com sentimentos de gratidão por sua atenção, receba meus agradecimentos e o abraço carinhoso. Angela, sua filha.

1. Quando e como o senhor tomou consciência da sua dimensão paterna no exercício do ministério sacerdotal?

Esta é uma ideia que vai amadurecendo durante os anos de estudo, sobretudo na Teologia; mas o pano de fundo se encontra na experiência que temos na catequese, na paróquia, no testemunho de homens e mulheres que

²⁸ Com o desejo de enriquecer a aula inaugural apresento a entrevista com o Padre Ronaldo Menezes, pároco da Igreja São Geraldo Magela de Belém do Pará realizada por e-mail, dia 04 de janeiro de 2016.

dedicaram sua vida a Jesus e ao anúncio do seu Evangelho. É uma ideia que se torna madura quando se compreende o que significa participar, de certa forma, do poder de Cristo, do Seu mesmo poder nos atos de misericórdia em favor dos homens, aos quais somos enviados não como verdugos, mas como instrumentos da reconciliação. Nós, padres, não somos senhores sobre os outros, e o nosso estilo de vida não pode ser diferente do de Jesus, mestre e pastor; o estilo de poder que da Igreja recebemos é inteiramente pastoral. No encontro com o outro, seja ele quem for, a verdade do Evangelho que anunciamos, por mais imperativa que seja, não deve subjugar a caridade, mas andar em estreita relação com ela. As pessoas simples e de bom coração não querem estar longe de Deus; vi e vivi isso em nossas comunidades ao redor do Seminário São Pio X, nos anos de 1980, quando, ainda seminaristas, formamos os primeiros núcleos do que hoje são paróquias muito vicejantes; eram áreas de invasão, de ocupações irregulares, sem água, sem luz, muita lama, violência; nos reuníamos nos casebres para falar de Deus, para rezar, para animar a vida. Foi nesse ambiente que fui compreendendo e aprendendo que as pessoas precisam ser acolhidas pela bondade do sacerdote, bondade que deve prevalecer sempre, contra toda inoportuna dureza; o sacerdote não precisa ter medo de errar por excesso de bondade. É melhor assim. Procurei, e ainda procuro, manter-me nesse caminho.

2. A Igreja se preocupa com os jovens que ingressam nos seminários e se encaminham para abraçar o sacerdócio. Como os jovens seminaristas podem alcançar a maturidade afetiva e fazer a experiência da paternidade espiritual no itinerário formativo?

A referência é sempre a experiência de Jesus em sua relação própria com o Pai, na sua relação com os discípulos e sua atenção aos outros. É a partir da sua experiência de intimidade com o Pai que Jesus estabelece a dinâmica das suas outras relações, seja com os discípulos, seja com as pessoas que o procuram. Não acredito que alguém possa alcançar a maturidade afetiva absoluta na vida e chegar a total indiferença ao que está ao seu redor; o estado de "ataraxia" dos

gregos é um ideal, mas um ideal que desumaniza; sempre seremos afetados. A novidade que Jesus nos oferece é que a fidelidade ao objetivo, à missão, ao chamado do Pai, à Palavra da Escritura, é essa fidelidade que nos faz suportar tudo e viver no caminho que escolhemos, vencendo todas as dificuldades, não sem algum esforço, e, às vezes, à custa de muito esforço. Então, a missão precisa estar clara; o chamado faz o caminho do discernimento, do acompanhamento, pela equipe formativa, pelo padre espiritual. É um longo e penoso caminho, pois a realidade nem sempre ajuda; ao contrário, ela pode corromper toda a pessoa por dentro, fragmentando-a, num processo crescente de relativização, até do sagrado, como se todas as esferas da vida fossem iguais, e como se tudo devesse levar à realização da própria pessoa, à sua felicidade imediata, aqui e agora; essa questão precisa ser enfrentada com serenidade e seriedade; a folclorização da fé, o espetáculo da celebração, do ato litúrgico com o fim de impressionar a "plateia" e, não mais introduzir a assembleia no mistério de Cristo, tem atraído muitas pessoas, que vão à igreja para fazerem uma espécie de catarse, uma purificação da alma, e tem feito a cabeça de muitos jovens vocacionados que se imaginam algum tipo de ídolo da fé, que arrasta multidões, que faz opinião; esse excesso de sinais não ajuda na maturidade espiritual, não fortalece a pessoa por dentro, não ajuda na interiorização de que um sacerdote é pai espiritual. Quando se perde a indicação vocacional de que o chamado de Deus é feito no tempo, mas se dirige à eternidade, corre-se o perigo de se imaginar que a vocação se destina apenas à realização pessoal; deste modo nunca se alcançará a maturidade afetiva porque tudo terá apenas valor momentâneo, superficial; somente a pertença integral à missão oferecida pelo Senhor oferece a noção de que a vida do jovem chamado ao sacerdócio vai além do seu tempo.

3. No contexto atual, as novas ideologias sobre "gênero" levam a perda da autoridade paterna na família e a juventude fica desorientada. Apesar dos desafios, para quem tem um olhar de fé, os sacerdotes são "padres" e desempenham uma função de "pais" em relação aos

fiéis. Poderia falar um pouco da sua experiência e da maneira como o senhor cultiva o carisma da paternidade espiritual no exercício do seu ministério sacerdotal?

Numa ocasião, num dos nossos encontros de presbíteros, tive a oportunidade de fazer a conferência principal; não guardei o texto, mas me lembro que tocou num assunto que me parece bastante atual; as pessoas, penso, precisam de referência religiosa, de uma orientação que vá além deste espaço e deste tempo, e aponte para Alguém que dê sentido às coisas; quando as pessoas não encontram um sacerdote, procuram alguém que lhe faça as vezes; a ânsia por Deus é enorme, sempre foi. Em época de tantos vazios, penso cada vez mais nas palavras do cardeal Newman, que dizia que só Deus pode preencher o coração que ele criou. Então, quando os fiéis não encontram um sacerdote para conversar, para orientação espiritual, ou para se confessar, vão atrás dos horóscopos, da cartomancia, do xamanismo, dos gurus, de qualquer pessoa que se apresente como intermediária do sagrado, que diga ser uma ponte com o divino, com o transcendente, com uma entidade superior; para muitas dessas pessoas não importa se é Deus ou apenas uma entidade cósmica; elas procuram uma resposta. Reconheço que nossa falta de tempo, devido a tantos afazeres, é enorme; gastamos muito do dia em reuniões, e o atendimento fica em segundo plano. Contou-me um colega padre que durante o retiro de que participava, o pregador falava deste assunto, de que os padres não têm tempo para os outros, não escutam mais os fiéis, e deu uma importante lição sobre o assunto; depois da conferência, esse padre quis falar com o pregador, confessar-se com ele, que o atendeu prontamente; mas um fato interessante aconteceu: quando o padre começou a falar, foi interrompido pelo confessor, com palavras como estas: "é assim mesmo, a vida de padre é difícil, o relacionamento entre nós não é fácil, os fiéis são muito exigentes, compreenda tudo, coloque nas mãos de Deus e tenha paciência"; deu a absolvição e levantou-se; o melhor exemplo não é este para falar de paternidade espiritual. O ministério da

escuta já está implantado em muitas paróquias e comunidades, mas ele não toma o lugar do sacerdote que é o pai da comunidade. Aprendemos isto com o próprio Senhor Jesus e lhe seguimos os passos; ele é o nosso modelo.

4. No Oriente Cristão o carisma da paternidade espiritual constitui a essência da vida da Igreja. Como esse carisma pode ser cultivado na vida sacerdotal e no contexto da Igreja no Brasil?

O Oriente nos dá grandes exemplos no campo da paternidade espiritual; os padres do deserto e suas sentenças, seus escritos, seus conselhos, tudo é edificante; os textos clássicos devem estar sempre ao alcance das mãos. Mas também o Ocidente tem grandes mestres nesse campo. A fonte comum de ambas as tradições é a mesma, Jesus Cristo. O Evangelho é o grande manual da paternidade na Igreja. A história do anúncio e do nascimento de João Batista é já um programa deste panorama; não por acaso Zacarias insiste no nome que terá o seu filho, João. João significa "Deus é misericordioso"; e misericórdia é isso: acolher como pai, sentir como pai, agir como pai. A parábola do pai misericordioso, com os dois filhos tão diferentes, é um marco no ensinamento de Jesus quanto ao nosso modo de ver o irmão, de senti-lo. Jesus é aquele que acolhe, que busca, que ampara. O que aprendeu do Pai, ele nos ensina. Nossa pastoral é continuação da ação dele, o Mestre, senão não é pastoral, mas ativismo seco e vazio, sem vida, cumprimento de agenda. Paternidade é desgaste, é deixar-se consumir pelo outro; é essa doação que nos distingue. Temos grandes exemplos de pastores na Igreja do Brasil, e também de mestras dessa "paternidade" que se mostra materna em toda a sua essência, como a Irmã Dulce, por exemplo. Penso em alguns dos nossos bispos, quase esquecidos, como Dom Frei Caetano Brandão, em Belém, que visitou todo o território da Arquidiocese, que compreendia até o Amazonas; em pouco tempo, fez seis viagens para dizer a sua gente que ela tinha um pastor, um pai; na capital, criou colégios, orfanatos, hospitais; esmolou pelas ruas buscando ajuda para os pobres; cito também Dom Antônio de Almeida Lustosa, hoje em processo de beatificação, que foi ver de perto o seu povo e quis compreendê-lo; em Monsenhor Edmundo

Armando Saint-Clair Igreja, um grande missionário, que antes que se falasse em aculturação ele era um exemplo claro desse estilo, e vivia como o caboclo, e não havia lugar que não pudesse acolhê-lo, e não havia pessoa alguma que não fosse atendida por ele, um homem de Deus e profeta no seu tempo, cuja casa em Belém mais parecia um albergue para todos os que não tinham onde ficar dos que vinham da sua região do Salgado; nunca deixou de atender uma confissão, de visitar um doente, de celebrar a Eucaristia como se fosse sempre a primeira de sua vida; tive a honra de trabalhar com ele pelos interiores da Arquidiocese, andando a pé enormes distâncias, dormindo em lugares insalubres, e nunca o vi reclamar. Penso ainda em Dom Hélder Câmara, que acompanhei nas vezes em que estive em Belém a convite de Dom Vicente Zico; dom Hélder era um homem que queria ser pai de todos, sobretudo dos pobres; finalmente, mas sem encerrar a lista, penso em Dom Vicente Zico, um pai para os sacerdotes, para os fiéis, um homem bom, de um coração largo, cujo zelo pelas coisas de Deus o marcava como um sinal de Deus entre nós. E há incontáveis exemplos que espelham a paternidade que devemos mostrar na acolhida do irmão.

5. Considerando sua experiência de vida sacerdotal e pastoral, qual é a mensagem que o senhor gostaria de transmitir aos seminaristas do Instituto Redemptoris Mater de Brasília em ocasião da aula inaugural?

O tempo de seminário é um dos mais belos da nossa vida, quando podemos estudar, ler, contemplar sem pressa os mistérios da vida e tornar sólido o coração, pela oração (aprender a rezar com o coração e aprender a purificá-lo). É um tempo único. É um tempo para aprender a andar, andar com o olhar fixo no Senhor, para não perder o rumo da vida, da missão. Uma mensagem que imagino, e que não é difícil de alcançar, é que vocês sejam não apenas bons padres, eficientes nas funções, funcionalmente impecáveis, mas, sobretudo, padres bons, bondosos, acolhedores, misericordiosos, alegres, cordatos, nunca bravos, pretensiosos, orgulhosos. Sejam bons, atendam bem, e sempre com alegria, mesmo que não estejam muito felizes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas. 5. Sermones sobre el Cantar de los Cantares*. Madrid: BAC, 1987.

CATARINA DE SENA. *Cartas completas*. São Paulo: Paulus, 2005

EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.

FRANCISCO, Papa. Almoço com os Cardeais do Brasil, a Presidência da CNBB, os Bispos da Região e a Comitativa Papal, Arcebispado do Rio de Janeiro. *L'Osservatore Romano*, ano CLIII, n. 172 (46.416), Sábado, 27 de julho de 2013, p. 9.

_____. "Conversão pastoral" aos bispos alemães em visita "ad limina". *L'Osservatore Romano*, ano XLVI, n. 48 (2.390), quinta-feira, 26 de novembro de 2015, p. 4.

FRANCISCO DE SALES. *Filoteia ou Introdução à vida devota*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

GIAMBILICO. *La vita pitagórica*. Milano: BUR, 1991.

HADOT, Pierre. *Che cos'è la filosofia antica?*. Torino: Einaudi, 1998.

_____. *Qu'est-ce que la philosophie Antique*. Paris: Gallimard, 1995.

JOÃO CRISÓSTOMO. *O Sacerdócio*. Petrópolis: Vozes, 1979.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores dabo vobis*. São Paulo: Loyola, 1992.

MARINO, Vita di Proclo. In: PROCLO. *I manuali: elementi di fisica, elementi di teologia. I testi magico-teurgici*. Milano: Rusconi, 1985.

PAULO VI. *Carta encíclica sacerdotalis caelibatus*. São Paulo: Paulinas, 1967.

PLATONE, Teeteto. In:_____. *Tutte le opere*. Roma: Newton, 1997.

PLOTINO. *Enneadi*. Milano: Rusconi, 1992.

PORFIRIO. *Vangelo di un pagano: Lettera a Marcella, Contro Boeto sull'anima, Sul conosci te*. Milano: Rusconi, 1993.